



Notas sobre a peça “Figurantes”, de Jacinto Lucas Pires

PIRES, J. L. *Figurantes e outras peças*. Lisboa: Cotovia, 2004.

Isabelle Regina de Amorim-Mesquita

Isabelle Regina de Amorim-Mesquita é doutoranda em Estudos Literários pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e bolsista CAPES.

Jacinto Lucas Pires é um dos dramaturgos mais atuantes, atualmente, em Portugal. Nascido no Porto, em 1974, Jacinto Pires estreou com a peça “Universos e frigoríficos”, em 1997 e, a partir daí, encontrou no teatro uma forma privilegiada de pensar o Homem de seu tempo – preocupação que perpassa todas as suas produções.

Pires publicou mais de dez peças, entre as quais “Arranha-céus” (1999), “Escrever, falar” (2001), “Figurantes” (2004), “Octávio no mundo” e “Silenciador” (2009). Aventurou-se também por outros gêneros literários, como o romance, o conto e a crônica, além de ter escrito e produzido dois curtas-metragens: “Cinemaamor” (1999) e “B.D.” (2004).

Sua obra literária recebeu, em 2008, o Prêmio Europa David Mourão Ferreira, atribuído pelo Centro de Estudos Lusófonos da Universidade de Bari e pelo Instituto Camões. Com o prêmio, Pires teve a possibilidade de publicar traduções de suas obras em outros países da União Europeia e do Mediterrâneo.

A peça “Figurantes”, publicada em 2004, no volume *Figurantes e outras peças*, é uma das mais apreciadas pelo público e pela crítica. Subiu aos palcos lusos pela primeira vez no ano de 2005, no Teatro Nacional de São João, no Porto, com encenação de Ricardo Pais. A peça apresenta um questionamento sobre o sujeito da contemporaneidade inserido num universo tomado pela palavra – tema que também norteia os demais textos do mesmo volume: “Coimbra B” e “Os dias de hoje”.

“Coimbra B” é a segunda peça do livro. Dividida em dezessete breves quadros, a peça trata da incomunicabilidade nos dias atuais. Dois protagonistas, Floriano e Alexandra, estão em uma estação de trem; no aguardo do comboio, os personagens engatam uma conversa, a qual não possui um desenvolvimento lógico, na medida em que as figuras em cena parecem falar de assuntos diferentes. O diálogo é confuso e ao passo que se inicia um novo quadro, outros assuntos passam a ser abordados de forma desconexa. O diálogo do casal flui com tamanha liberdade que parece ser guiado mais pelas recordações, pelos sonhos, desejos e inquietações íntimas do que pela razão e pela interação com o outro ali presente.

Há uma certa mecanização nas falas desses personagens, visto que a todo instante eles repetem pensamentos, palavras e expressões, sem que se chegue a uma conclusão. Tal mecanização é sentida pelo próprio sujeito dramático que, em meio ao ambiente tecnológico da contemporaneidade, perdeu a razão de sua existência e se sente sozinho, confuso e em descompasso com o mundo.

“Coimbra B” foi encenada pela primeira vez em 2003, no teatro do Museu dos Transportes, na cidade de Coimbra, pela companhia Lilástico. No ano de 2007, a peça subiu novamente aos palcos portugueses, com encenação da companhia Te-Ato.

A peça que encerra o livro aqui resenhado, intitulada “Os dias de hoje”, também estreou no ano de 2003. Sua representação ocorreu no Porto, no teatro Estúdio Zero, e contou com a encenação de Marcos Barbosa.

Assim como “Coimbra B”, “Os dias atuais” também faz uma reflexão sobre o indivíduo na contemporaneidade. A questão central da peça é o papel da linguagem na construção do sujeito e de seu mundo, linguagem esta que precisa acompanhar as transformações incessantes.

Esse texto dramático é dividido em duas partes: a primeira apresenta um personagem não definido que discursa de maneira aparentemente desconexa, com o uso de palavras sobrepostas e que não configuram sentido lógico às frases. Nesta primeira parte, não existe a sistematização de um único assunto a ser tratado; apresentam-se apenas as inquietações do sujeito, perplexo ao se deparar com as coisas do mundo e com as palavras que dão nome às coisas. Numa tentativa de entender o espaço que o rodeia, o protagonista mistura várias línguas e cria neologismos.

A segunda parte da peça é dividida em vinte e cinco quadros. Os quadros iniciais são independentes e cada um deles apresenta uma micronarrativa, cujos personagens centrais são: Isidoro, palhaço; Gina, modelo; Fernando, mendigo e

Miguel, secretário de Estado. As ações em cada quadro são escassas, já que as breves narrativas dramáticas se desenvolvem somente pelo diálogo entre figuras que conversam em línguas diferentes, mas que, contraditoriamente, se compreendem. À medida que os quadros se sucedem, os quatro personagens passam a se cruzar em cena, o que acaba os ligando e formando um enredo dramático mais coerente.

"Os dias de hoje" pode ser considerada uma peça inovadora pelo seu trabalho com a linguagem, a qual apresenta uma mistura de línguas, dialetos, gírias e neologismos.

Do volume *Figurantes e outras peças*, "Figurantes" é o texto dramático mais bem elaborado do ponto de vista estético. Ele estende a problemática da condição humana na atualidade – igualmente discutida nas demais peças – para o âmbito do teatro, refletindo sobre a metaficção dramática.

Com a metateatralidade, a peça volta-se para si própria e torna visíveis os mecanismos do planejamento teatral. Ela revela os bastidores do texto e da encenação, colocando à mostra o labor da escritura dramática como um processo artificial e não puramente inspirado, e expondo, com extremo detalhamento, aspectos da produção cênica.

Tal artificialidade norteia a elaboração do cenário e principalmente a construção dos personagens do texto dramático de Pires: sete figuras que, num palco de teatro, são tidas como "animais de linguagem" por estarem incessantemente em busca dos termos adequados para se comunicarem. Além disso, suas falas são fragmentadas, imprecisas e tomadas por interjeições.

A grande preocupação desses personagens é a elaboração de uma cena dramática encenada por um casal de figurantes que eles idealizam. Os diálogos envolvem, portanto, a construção desses "personagens fictícios" e a peça por eles inventada. A questão central desse texto dramático de Pires se estabelece pelo seguinte processo de elaboração: personagens fictícios estão a criar, pelo trabalho com a linguagem, outras figuras fictícias. Tal procedimento artístico, que parece um tanto ambíguo, é um recurso sofisticado de construção metalinguística, que proporciona a riqueza e a complexidade da obra.

A tensão entre ficção e realidade ganha vigor em "Figurantes", visto que tais esferas permanecem em conflito no decorrer de toda a ação dramática. Há momentos, inclusive, em que os personagens se confundem e não sabemos se se trata dos personagens criadores ou dos criados. Na verdade, o drama de todas as figuras da peça parecer ser o mesmo: quais os limites entre a ficção e a realidade?

Em certa altura da peça, este conflito se estabelece de maneira bem clara, a partir do diálogo angustiante que António trava com um de seus outros companheiros de criação:

António: Falem. Não parem de falar, por favor. Se se calarem, eles vão aparecer, tenho a certeza. Não se calem, digam coisas, por favor. Tenho medo, tenho medo deles... Por favor!...

João: Calma. Meu amigo. Por favor.

António: "Meu amigo"...

João: Serenemos. Não vai acontecer nada de mau, eu garanto-lhe.

António: Sim.

João: É este o nosso lugar. Estamos no sítio das luzes, sim, dê só talvez um passito para o lado... isso. Isso. Não há problema. Prometo-lhe: não há problema nenhum. Estamos bem aqui. Temos que nos manter dignos e fortes. Fazemos o nosso trabalho. Não há que ter dúvidas agora. Também já não falta assim tanto. (pausa) A cena, digamos assim, acaba com ele sozinho. (PIRES, 2004, p. 77).

A peça merece destaque, também, pela sua elaboração formal: as rubricas apresentam detalhes para a sua realização cênica, mas não limitam o trabalho do encenador, que encontra espaço para criar em cima do texto de Pires, dando a ele novos significados.

"Figurantes" é uma peça bem acabada do ponto de vista literário e teatral; uma excelente sugestão de leitura para os estudiosos da literatura dramática contemporânea e merece ser difundida no Brasil.

Como citar esse texto:

AMORIM-MESQUITA, I. R. de. Notas sobre a peça "Figurantes", de Jacinto Lucas Pires.
IN: *Proa – Revista de Antropologia e Arte* [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010.
Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/ResenhasII/isabelle.html> , acesso em:
dd/mm/aaaa.